



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante café da manhã com jornalistas**

**Palácio do Planalto, 22 de dezembro de 2006**

**Jornalista:** Sobre essa polêmica em relação ao projeto dos Esportes, o senhor disse que ia esperar chegar aqui ontem, mas a Cultura está sugerindo o veto. O senhor já decidiu?

**Presidente:** Não. Eu lamentei profundamente que o acordo feito entre a Cultura e o Esporte, que foi aprovado pelo Senado, não tenha se repetido na Câmara. Isso significa que nós vamos ter que tomar alguma medida, porque a cultura não pode ser prejudicada. O fato de nós quisermos ajudar o esporte não nos obriga a diminuir o ímpeto dos investimentos na cultura. Então, alguma medida nós vamos tomar para ver o que eu posso construir. Se for necessário fazer uma outra medida provisória, eu farei. Não tem nenhum problema.

Mas eu queria, sem fazer discurso, dizer aos companheiros e companheiras da imprensa que nós estamos terminando o ano de 2006 num momento, eu diria, bom para o Brasil. Eu termino o ano, não com alegria total, porque a alegria de um ser humano é infinita, quanto mais alegre ele está, mais conquistas ele quer ter, mas eu termino o ano com o sabor do dever cumprido. O dever cumprido na área econômica, o dever cumprido no processo eleitoral, o dever cumprido nas propostas que estamos trabalhando para o próximo ano, que eu espero que seja um ano de mais desenvolvimento econômico, mas com muito controle da inflação, com muita seriedade na política fiscal e, ao mesmo tempo, com muita responsabilidade no cumprimento da lei de responsabilidade fiscal.

Crescer não significa destruir a economia de um país, não significa fazer uma aventura, significa a gente definir um rumo para quatro anos. E são



exatamente esses rumos que nós vamos anunciar no começo do ano com medidas na área econômica, com medidas na área de desoneração, com medidas na área dos investimentos públicos no País, numa definição das obras prioritárias nos setores em que o Brasil mais necessita de investimentos.

Espero que seja um ano melhor no relacionamento pessoal, meu, e coletivo, do governo, com a imprensa brasileira. Eu, de vez em quando, digo que sou muito bem tratado e eu preciso apenas retribuir o tratamento que eu recebo. Então, eu vou ver se vou ser mais cordial nos próximos anos.

Eu penso que todos nós saímos desse primeiro mandato mais experientes, mais calejados, e eu espero que todos nós também tenhamos saído de 2006 mais responsáveis. Eu digo sempre que o crescimento econômico de um país não depende apenas das medidas da iniciativa privada ou da iniciativa do governo, ele também depende do estado de espírito da sociedade brasileira, ele também depende da crença das pessoas. E eu acho que esse é o papel que o presidente da República tem que fazer. Fazer as pessoas acreditarem que o Brasil é um extraordinário lugar para investimento e que, portanto, nós temos todas as possibilidades do mundo de ter um crescimento mais rigoroso.

Eu quero, portanto, desejar a vocês o que eu desejo ao Brasil, o que eu desejo a mim: toda a sorte do mundo. Que em 2007 vocês consigam ter o aumento de salário que vocês tanto sonham, que seja o ano da imprensa e que vocês possam ganhar tudo o que vocês querem, escrever tudo o que vocês precisam escrever e vamos estar juntos aqui. Vamos ver se a gente consegue renovar este café, não uma vez por ano, quem sabe fazer um pouco mais vezes este café. Eu espero me educar para ter um outro relacionamento com a imprensa. Obviamente que no Brasil sempre é muito difícil, porque nós temos jornais importantes e, quando você dá entrevista para um, você não pode dar para um, tem que dar para quatro, cinco, seis, sete jornais. Você vai dar uma entrevista para uma revista, tem que dar para três ou quatro. Você vai dar uma



entrevista para uma televisão, tem que dar para quatro. Então, na verdade, fica mais complicado, mas nós vamos ver também se conseguimos dar as entrevistas que eu não dei.

Durante a campanha, algumas entrevistas pareciam mais uma inquisição do que entrevista, mas eu acho que foi bom, eu acho que faz parte da cultura política do Brasil, faz parte do aprendizado de todos nós. Então, eu quero dizer para vocês que estou muito satisfeito, estou alegre, estou feliz com as coisas que estão acontecendo. Aquilo que deu certo nós vamos aprimorar, aquilo que não deu certo nós vamos mudar, mas eu acho que o ano termina bem.

**Jornalista:** O que o senhor pediu ao Papai Noel?

**Presidente:** Tranqüilidade.

**Jornalista:** Presidente, se o senhor pudesse falar, o que o senhor espera desse novo capítulo da crise dos aeroportos e o que o senhor acha, o que o senhor espera, que prazo o senhor dá para que isso se solucione?

**Presidente:** Olha, para mim, isso deveria ter terminado antes de começar. Eu só posso dizer para vocês que não tem apenas um fator que está causando problema no aeroporto, tem “n” fatores. Ontem, eu disse a vocês que tinha chamado o Comandante da Aeronáutica, o Ministro da Defesa e o Presidente da Anac para dizer para eles que eu quero, todo santo dia, o diagnóstico correto do que acontece em cada aeroporto e que se diga para a sociedade brasileira o que é culpa de quem. Ou seja, se a culpa for da parte do governo, que diga que é culpa do governo, se for da parte da empresa, que diga que é da parte da empresa, para que a sociedade tenha noção exata das coisas que estão acontecendo. Eu acho que nós vamos resolver esse problema. Eu acho



que nós temos um bom problema, que é o crescimento do número de passageiros, e temos um mau problema, que o Brasil hoje não tem a Varig. Então, as empresas precisam ter mais aviões para garantir mais vôos e está todo mundo sabendo o que tem que fazer. Eu quero todo mundo nos aeroportos e vou cobrar, todo santo dia da Anac a fiscalização nos aeroportos, se o erro do atraso foi porque um avião de uma empresa quebrou, que diga: o avião quebrou. Se foi por falta de tripulação, que diga: foi falta de tripulação. Se foi por conta do controlador, diga que foi por conta do controlador. E, assim, a sociedade sabendo o que está acontecendo, as pessoas vão ficar mais tranqüilas, porque vão saber que não estão sendo enganadas.

Então, eu tenho a alegria de dizer para vocês que, na conversa de ontem, eu senti que as pessoas estão conscientes das responsabilidades de cada setor para cuidar do aeroporto. Eu acho que, enquanto presidente da República, eu só quero que volte a normalidade, porque eu já viajei muito de avião, já fiquei em muitas filas de avião, não foram poucas as vezes em que eu chegava para pegar o vôo das 19h45, o avião não existia, e a gente também não tinha para quem reclamar. As pessoas que estavam no balcão, com muita simplicidade, diziam: deu pane, um defeito técnico. A gente não tem com quem conversar. Eu acho que nós temos que ser honestos, no limite máximo da honestidade com as pessoas que estão sofrendo nos aeroportos.

Eu queria dizer para vocês que o risco-Brasil chegou a 198. Vocês sabem que eu tinha um champanhe para tomar com o Furlan, quando chegasse a 200 e ainda não tomamos o champanhe. Agora, já está na hora de tomar o champanhe.

Então, gente, é isso.

**Jornalista:** Presidente, com relação ao teto do funcionalismo, o senhor defende essa proposta de que se tenha um teto único? Há um grupo de senadores, por exemplo, que está apresentando uma PEC para que o teto seja



o dos parlamentares e não o do Judiciário. Qual é a visão do senhor a respeito desse assunto?

**Presidente:** Olha, eu defendo a tese de que, na discussão com os partidos políticos sobre a reforma política, a gente também discuta a questão de mandar uma PEC estabelecendo um teto salarial no País. Quanto vai ser eu não sei. Mas, nós vamos ter que cuidar disso, porque há distorções e muitas distorções, e se a gente estabelecer as regras definitivas para a sociedade brasileira saber o que vai acontecer a cada ano, não acontecerá nunca a surpresa que aconteceu agora. Nunca acontecerá. Então, eu sou favorável ao estabelecimento de regras duráveis, coisas de longo prazo, que possam garantir a todo mundo, desde o dia em que uma criança for batizada ela vai saber quais são as regras salariais neste País para todo mundo. E aí vai ser muito mais fácil.

Eu vou trabalhar para que isso aconteça, vou conversar com os partidos, com os líderes, e eu espero que, para o ano, a gente esteja preparado para cuidar da reforma política, cuidar da reforma tributária e cuidar de tudo o que precisar cuidar neste País. No mais, gente, eu queria me despedir de vocês, porque eu estou atrasado para o ato da Mata Atlântica. Muito obrigado, bom Natal para vocês.

**Jornalista:** Presidente, com 60 anos, o senhor se sente de esquerda?

**Presidente:** Vejam, quando eu tinha 40 anos de idade, eu nunca fiz questão de carimbar na minha testa o que eu era. Se você perguntar para mim se eu sou de esquerda ou de direita, eu vou dizer: eu sou torneiro mecânico de profissão e católico por opção religiosa, e corintiano por opção futebolística. Eu acho que, se ser de esquerda é defender as coisas que eu defendo na área social, eu sou de esquerda. Mas o governo não é um governo de esquerda, o governo



é um governo que governa em função da correlação de força política na sociedade, com forte inclinação para atendimento das demandas sociais, que é para isso que o povo me elegeu, e eu, portanto, fico feliz. Eu prefiro que você diga o que eu sou.

**Jornalista:** Só o pacote, Presidente, que o senhor comentou com os jornalistas?

**Presidente:** Veja, não tenho uma data certa, eu só estou dizendo que quero tirar uns 10 dias de descanso, aí eu volto lá pelo dia 10, dia 15. O Brasil entra em estado de descanso: é Natal, Ano Novo. Depois, no começo de janeiro, os jornalistas estão todos de férias e se eu marcar uma coletiva aqui, não vai ter ninguém, estará todo mundo descansando. Mas eu penso que no começo do mês vocês saberão uma semana antes.

Gente, bom Natal para vocês e até a próxima semana.